

**VALORIZANDO A DIVERSIDADE: EM DEFESA DA IDENTIDADE DE COMUNIDADES LINGUÍSTICAS
VULNERÁVEIS / MINORIZADAS**

VALUING DIVERSITY: IN DEFENSE OF THE IDENTITY OF VULNERABLE / MINORITIZED LINGUISTIC COMMUNITIES

Ana Paula Quadros Gomes¹

Beatriz Protti Christino²

Quando lançamos a chamada para esta edição da revista, intitulada “Valorizando a diversidade: em defesa da identidade de comunidades linguísticas vulneráveis / minorizadas”, fomos alertadas para o fato de que seu escopo estava amplo demais. Não obstante, decidimos manter a proposta assim, aberta, pois desejávamos receber artigos diversificados, formando um leque de questões que proporcionassem visões múltiplas acerca da diversidade linguística, evidenciando a necessidade de ações em defesa de diversas comunidades linguísticas minorizadas, as quais, via de regra, estão invisibilizadas em um país em que segue ainda tão arraigado o mito do monolinguismo. Sim, fomos muito ambiciosas! Recebemos mais de oitenta submissões, para uma revista que habitualmente publica edições com uma dúzia de artigos. Esse número tão significativo de textos demandou um trabalho de editoração bem mais longo que o habitual, por um lado, mas também demonstra, de outro, como o tema mobiliza pesquisadores de várias áreas de atuação e de diversas linhas de pesquisa. A procura alta, por essa perspectiva, merece celebração.

De fato, os vinte e cinco artigos que publicamos agora, após a passagem pelo crivo dos pares, que fizeram anonimamente a avaliação das submissões, e a quem muito agradecemos, são representativos de uma grande e relevante diversidade. Nesta edição, encontram-se representadas as lutas de comunidades linguísticas minorizadas indígenas, tais como Mebêngôkre, Karajá, Pataxó, Kokama, Kaingang, Palikur-Arukwayene, Omágua, Juruna, e daquelas integrantes da Rede Wayuri (Rede “Comunicadores Indígenas do Rio Negro”): Baré, Baniwa, Desana, Tariana, Tukano, Tuyuka, Wanano e Yanomami. Também contamos com reflexões sobre os direitos linguísticos da(s) comunidade(s) surda(s), sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e suas variações regionais, com destaque para o enfoque das perspectivas psicossociais sobre as fronteiras linguísticas entre surdos e ouvintes. Há artigos dedicados à herança linguística africana, abordando a preservação de

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), anaquadrosgomes@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0002-3476-0193>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bchristino@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-6997-6499>.

elementos de linguagem por meio de ritos tradicionais de terreiro e no candomblé. Não deixam de marcar presença, também, discussões sobre a representatividade da comunidade LGBTQIA+ no âmbito da linguagem, focalizando a aceitação/rejeição à linguagem não-binária, também chamada de neutra, e tratando de como isso se entrelaça à luta por igualdade de direitos. Há ainda um artigo sobre a presença da língua pomerana em ambientes digitais e identidade.

Além de contribuir para dar visibilidade a tantas comunidades minorizadas, este número também traz uma considerável multiplicidade de abordagens. Temos desde análises de casos de não-reconhecimento de violações de direitos linguísticos na esfera da Comissão Interamericana de Direitos Humanos até denúncias de uma educação colonizada e colonizadora, com apagamento da história, da cultura e das línguas negras em contexto de ensino regular, assim como relatos de estratégias bem-sucedidas de etnocomunicação, resultando na valorização da identidade linguística de povos e no aumento de sua autoestima linguística. De perspectivas distintas, são colocadas em evidência formas de resistência ao poder dos majoritários e às estratégias de deslegitimação de reivindicações de comunidades, incluindo o reconhecimento do papel social da escola no acultramento dos indígenas, estratégias de acolhimento para imigrantes bem-sucedidas, num contexto de xenofobia, e o levantamento de políticas públicas governamentais de acesso à educação multicultural e linguística por populações indígenas.

O debate acerca de crenças e atitudes linguísticas ganha, assim, várias faces, algumas abordando processos de resistência linguística pautados na preservação da oralidade em ritos, outras voltadas para a constituição de um sujeito leitor em termos de memória e identidade. Vale mencionar, ainda, o tema do etnocentrismo na ciência linguística, que se faz presente reivindicando o reconhecimento das enormes contribuições que as línguas minorizadas podem dar à ciência linguística, ao expandirem seus modelos de línguas naturais.

Estamos muito contentes com a configuração final deste número, dividido em dois tomos, pela considerável recepção que obteve a temática proposta, muito cara para nós, que coordenamos juntas o Projeto de Extensão Ações de Combate ao Preconceito Linguístico, na UFRJ, desde o segundo semestre de 2017. A nosso ver, os artigos aqui publicados contribuem inestimavelmente para o combate ao preconceito, “Valorizando a diversidade: em defesa da identidade de comunidades linguísticas vulneráveis / minorizadas”. Esperamos que este número alcance muitos leitores, e que cada um deles aprecie seu conteúdo.